

SEXUALIDADE NO DEBATE POLÍTICO DE 2018: A INFLUÊNCIA DO DISCURSO DE JAIR BOLSONARO A PARTIR DA ABORDAGEM PÓS-ESTRUTURALISTA

SIMONE BEATRIZ LOPES DA SILVA MAGALHÃES¹;
DANIEL DE MENDONÇA²

¹Universidade Federal de Pelotas - simone.sjss@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ddmendonca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, os temas sobre gênero e sexualidade vêm ganhando força não só no cenário acadêmico, através dos estudos identitários, como também no cenário político. No Brasil, isso se deve, especialmente, tendo em vista algumas ações desenvolvidas em prol da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTQI+) nos anos dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Na eleição presidencial brasileira de 2018, tornaram-se comuns rivalidades discursivas com temas que versam sobre a sexualidade nos principais debates políticos. Tais debates dividiram cidadãos entre os que eram considerados “o bem” versus “o mal”, simbolizando uma conflituosa relação binária entre homossexuais e uma parcela heterossexual conservadora da sociedade. Pode-se dizer que houve um antagonismo discursivamente construído entre parte da sociedade que se viu, e ainda se vê, coagida, ameaçada e violada existencialmente por suas crenças religiosas e ideológicas. Parte desse descontentamento se deu devido a alguns debates de reconhecimento de homossexuais nos espaços político, social e educacional.

Dentre esses debates, os motivos que fortaleceram o discurso da extrema direita – e, particularmente seu sexismo, machismo e misoginia –, foram os avanços sociais ocorridos a partir da agenda¹ petista, quando as identidades sexuais ganharam certo espaço. Medidas implementadas pelos governos Lula (PT), como a elevação do status de Secretaria para Ministério dos Direitos Humanos, em que as pautas LGBTQI+ ganharam destaque nas ações de governo, simbolizaram maior visibilidade a esta comunidade, o que culminou para outras demandas que seguiram até o governo de Dilma Rousseff (PT). Pode-se dizer que houve um importante avanço na emancipação destas pautas, que começaram a surgir, por exemplo, em debates sobre o programa “Brasil sem Homofobia” (2004), através da criação de secretarias ligadas à questão da diversidade e com seminários e palestras do governo para abordar as

¹ Pode-se dizer que de 2002 a 2016, houveram muitos pronunciamentos, requerimentos e projetos de lei feitos também por parlamentares do governo do PT, demonstrando uma agenda hegemônica do partido em relação ao reconhecimento da comunidade LGBTQI+. Sobre essa agenda ressalta-se o Caderno SECAD que inseria temas de gênero e sexualidade no currículo escolar e o polêmico Projeto de Lei nº 122, de 2006 (BRASIL, 2006), de autoria da deputada Iara Bernardi do PT, que propunha a criminalização da homofobia no país (o mesmo foi arquivado após oito anos de tramitação no Congresso).

sexualidades. Ou seja, houve debates identitários nos espaços formais de poder, impulsionados pela agenda petista, que de fato intensificaram um modelo de governo que rompe com ideias conservadoras na política.

Todas essas ações fortaleceram o que viria a desembocar em uma acirrada disputa eleitoral em 2018, quando Bolsonaro protagonizou um discurso polêmico e antagônico, no campo da sexualidade, contra inimigos que “desviavam” do que seria considerado o “comportamento sexual normal”. Tais inimigos representariam a agenda LGBTQI+, a qual feriria a moralidade, os bons costumes, a família e a fé cristã.

Com abordagem na área da Ciência Política e sob a lente teórica do pós-estruturalismo, este trabalho tem por objetivo conhecer a construção discursiva sobre a sexualidade na campanha eleitoral de 2018 do presidenciável Jair Messias Bolsonaro.

2. METODOLOGIA

Afim de descobrir como foi construído o discurso de Jair Bolsonaro no decorrer das eleições de 2018 (mais precisamente de 16/08/2018 a 28/10/2018), no Twitter e no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), o trabalho faz uso da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e propõe um debate sobre a sexualidade a partir de Michel Foucault. Assim, opta-se aqui, com o intuito de apresentar o trabalho a ser feito na dissertação, por dividir a discussão em dois momentos. Em um primeiro momento, aborda-se as categorias de Laclau e Mouffe que serão utilizadas e em um segundo e último momento, debate-se a sexualidade, a partir de Michel Foucault, afim de buscar as relações do discurso do presidenciável com uma visão de mundo heteronormativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa é parte do trabalho desenvolvido no meu projeto de dissertação de mestrado da Ciência Política, o qual busca descobrir como ocorreu a construção discursiva sobre a sexualidade e preocupa-se em verificar qual é a proeminência do tema dentro de todas as demais temáticas desenvolvidas dentro da campanha eleitoral de 2018 do então candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro.

Percebe-se que até o momento, um dos desafios encontrados tem sido estabelecer um elo entre o conceito de hegemonia, desenvolvido por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, com um entendimento de ordem hegemônica heteronormativa, que será trabalhado a partir de Michel Foucault. Pode-se dizer que tendo em vista o que foi desenvolvido até agora, é possível afirmar que parte da hipótese confirma-se, ou seja, Bolsonaro fez uso de uma prática articulatória que buscava instaurar a heteronormatividade no social, enquanto uma ordem hegemônica e para isso ele fez uso de uma particularidade, ou seja, fez uso de uma visão e significação própria de mundo.

Para compreender a articulação desenvolvida por Bolsonaro nas redes sociais e no HGPE, utiliza-se o conceito de discurso que para MENDONÇA e RODRIGUES (2014) é prática – daí a noção de prática discursiva – uma vez que quaisquer ações empreendidas por sujeitos, identidades, grupos sociais são ações significativas. Ou seja, o discurso aqui trabalhado é resultado da prática articulatória desenvolvida por Jair Bolsonaro. E a partir de uma determinada



prática articulatória entre elementos, a estratégia utilizada foi de oposição ao discurso antagônico ao qual disputava as eleições. Estes representados pela comunidade LGBTQI+.

Diferentes identidades, como por exemplo, cristãos, heterossexuais e outros grupos com ideais conservadores, articularam suas demandas (seus elementos), a partir de uma identificação única, entendidas aqui como pontos nodais. Demandas essas que visavam defender a família, os bons costumes, a infância, a religião, a tradição, etc.

Sobre a hegemonia que se busca aprofundar, diz respeito ao estabelecimento de uma ordem heteronormativa a que o candidato a presidência buscou instaurar. Ou seja, percebe-se que a partir da particularidade da ordem discursiva eleitoral, o presidencialável buscou instaurar e legitimar uma ordem hegemônica que estabelecia a heterossexualidade enquanto norma no social.

Sobre isso, pode-se dizer que a genealogia do sexo de Michel Foucault, possibilita uma análise sobre o que está em jogo na modernidade e mais precisamente como é construído por Bolsonaro a repressão e o saber sobre as sexualidades nessa lógica hegemônica. O que se perceberá, é que desde o século XVI a verdade do corpo e do sexo sempre se deu através de relações de poder.

Mais especificamente, o poder que será analisado no trabalho, serve para além de instaurar uma verdade sobre o sexo, para sedimentar o corpo no social. E disso restará as divisões sociais, o poder sobre o corpo e as normas nas quais as eleições de 2018 protagonizaram.

4. CONCLUSÕES

Com base no que foi estudado, busca-se evidenciar a hipótese de que para construir seu discurso nas eleições de 2018, Bolsonaro fez uso de uma prática articulatória que buscava instaurar a heteronormatividade no social, enquanto uma ordem hegemônica. Com essa estratégia, já parcialmente identificada, busca-se comprovar que a sexualidade, de forma direta e indireta, foi atravessada na grande maioria dos debates a que o candidato protagonizou.

Dentro do trabalho, entende-se que o debate proposto entre Ernesto Laclau, Chantal Mouffe e Michel Foucault, poderá abrir possíveis deslocamentos e enfrentamentos no campo teórico e também um desafio, tendo em vista Foucault não falar em hegemonia em suas obras. Contudo, considera-se importante trazer respostas provisórias ao modelo hegemônico proposto no campo discursivo, que serão tratadas na pesquisa enquanto contingências necessárias para se pensar possibilidades de aprofundamento na análise política do contexto eleitoral brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Senado Legislativo. **Projeto de Lei 122/2006**. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Acessado em agosto de 2020. Texto Original. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graau, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GLOBO, G1. **TSE aprova resolução com tempos de propaganda dos candidatos a presidente**. Brasília, 28 de agosto de 2018. Acessado em agosto de 2020. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/28/tse-aprova-resolucao-com-tempos-de-propaganda-dos-candidatos-a-presidente.ghtml>

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma Política Democrática Radical**. Nova York: Ed. Intermeios, 1985.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs). **Emancipação e diferença / Ernesto Laclau**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MENDONÇA, Daniel; LOPES, Alice Casimiro. In: MENDONÇA, Daniel; LOPES, Alice Casimiro (Orgs). **A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: Ensaios Críticos e Entrevistas**. São Paulo: ANNABLUME, 2015.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo P. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MENDONÇA, Daniel. **Teorizando o agonismo: crítica a um modelo incompleto**. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 3, p. 479-497. 2010.

OROPALLO, Maria Cristina. **A presença de Nietzsche no discurso de Foucault**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2005.

SECAD, Ministério da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, 2007. Acessado em agosto de 2020. Online. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf